

Marília Floôr Kosby

**MULHERES, VACAS E PARTOS NAS  
PECUÁRIAS DO EXTREMO SUL DO BRASIL:  
relações transespecíficas a partir do  
encontro entre antropologia e epistemologias  
feministas**

**WOMEN, COWS AND BIRTHS IN THE  
LIVESTOCK IN THE EXTREME SOUTH OF  
BRAZIL: transespecific relations based on  
the encounter between anthropology and  
feminist epistemologies**

## RESUMO

O presente artigo pretende descrever a atitude epistemológica de construção de uma proposta de trabalho antropológico atento às relações humano-animal, que teve como ponto de partida o acompanhamento de partos de vacas, em ambientes de “criação familiar” do sul do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Neles, a presença ativa e vigilante de mulheres nos permite conhecer como elas percebem suas vacas como atrizes sociais, companheiras, dotadas de intencionalidades. Mas sobretudo, nos encoraja aprender, com essa vitalidade afectiva dos saberes que constroem juntas, uma forma de transgredir certos disciplinamentos científicos – que não só se fundam na diferenciação entre humanos e animais como prolongamento da diferença entre natureza e cultura (DESCOLA, 2005), assim como, na distribuição de suas legitimidades epistemológicas, coloca o saber criado por mulheres à margem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações humano-animal; epistemologias feministas; etnografias da pecuária

---

## ABSTRACT

This article intends to describe the epistemological attitude of constructing a proposal of anthropological work attentive to human-animal relations, whose starting point was the follow-up of calving of cows in environments of familial livestock in the southern Brazilian state of Rio Grande do Sul. In these case, the active and vigilant presence of women allows us to know how they perceive their cows as social actresses, companions, endowed with intentionalities. But above all, it encourages us to learn, with this affective vitality of the knowledge they construct together, a way of transgressing certain scientific disciplines, which are based not only on the differentiation between humans and animals as an extension of the difference between nature and culture (Descola, 2005), but also on the distribution of its epistemological legitimacies, that places the knowledge created by women on the sidelines.

**KEYWORDS:** Human-animal relations; feminist epistemologies; ethnographies of livestock

“A diferença entre o homem e os animais? Ela não a conhece. Ela não tem homem.”. Traduzida aqui livremente<sup>1</sup>, essa anedota feita entre vizinhas criadoras de vacas no norte de Portugal, inicia o livro *Être bête* (2007, p. 11), das etólogas Vinciane Despret e Jocelyne Porcher. Na obra, Despret, que é também professora do Departamento de Filosofia da Universidade de Liège/Bélgica, e Porcher, pesquisadora do *INRA (Institut National de la Recherche Agronomique/França)*, trazem as discussões suscitadas em uma pesquisa realizada entre Bélgica, França e Portugal, com criadores e criadoras que mantêm relações de trabalho cotidianamente com seus animais de criação, particularmente porcos e vacas. Como a anedota deixa antever, a questão colocada de início pelas pesquisadoras aos seus interlocutores era “qual a diferença entre o homem e os animais?”, ou “qual a diferença entre os seres humanos e os animais?”.

A pergunta, tal como pensada pelas autoras, foi deslocada e transformada durante todo o processo de pesquisa. Primeiramente, pela constatação de que era impossível para os interlocutores, a partir de tal interpelação, falarem de animais sem tratarem de descrever como vivem os humanos que vivem junto desses animais. Assim, a *diferença* era descrita mais como sendo entre certos humanos do que entre humanos e animais, estando atrelada às diferenças locais, contextualizadas, vividas: “De qual vaca vocês falam? Com qual criador ela vive?” (idem, p. 24). Ou ainda, dava-se atenção àquela diferença entre seus animais de criação: determinada vaca, determinado porco, que apresentavam certa capacidade de surpreender, certos traços de personalidade curiosos; ou ainda à diferença entre as formas de se organizar de porcos e vacas.

Segundo, porque as criadoras e criadores propunham, ao devolverem a interrogação, sua inversão: demonstravam a pertinência de se conhecer aquilo do que seus animais são capazes. Aqui, interessa mais sua *proximidade* com os humanos, na medida em que são descritas relações cotidianas concretas, particulares, nas quais se dá a construção conjunta de conhecimentos, tendo os bichos iniciativa e capacidade de atribuir intencionalidade aos humanos. Há, entretanto, uma diferença de grau: os animais teriam uma capacidade mais elevada de compreender e antever as intenções humanas, de maneira, às vezes, imperceptível aos humanos (idem, p.56). Assim, nesse constante deslocamento da atenção dada à diferença entre humanos e animais em direção às implicações mútuas de confiança, negociação de vontades e produção de inteligências, a *diferença* daria lugar àquilo que *faz diferença* e que está inextricavelmente ligado às práticas cotidianas com os animais.

As autoras logo percebem que a pergunta que formularam de forma “tão ingênua” ou “sem sentido”, na perspectiva de seus entrevistados, tinha como origem uma tendência cientificista de extrair a existência animal da construção dos conhecimentos comuns, da vida, alocando-a em nichos de

<sup>1</sup> Opto por traduzir livremente todos os excertos provenientes de obras em língua estrangeira referidas neste artigo.

conhecimentos específicos, como a zootecnia, a etologia, a zoologia, a biologia, a veterinária, por exemplo. Assim, o vocabulário e a sintaxe que utilizamos espontaneamente para falar dos animais – bem como as maneiras de conhecer e os seres de conhecimento que os acompanham – são interditados pelo saber científico, em favor da imposição de um conhecimento que não interessa aos “amadores”. A pergunta “qual a diferença entre os homens e os animais?” não fazia sentido para as criadoras e os criadores entrevistados, não lhes interessava. Não teria sido, portanto, jamais formulada por eles. Um dos interlocutores, inclusive, sugere uma questão mais adequada: “Nós, sem os animais, o que somos?” (ibidem, p. 109).

Em outras palavras, as interlocutoras e os interlocutores de Despret e Porcher se negavam a engajar seu pensamento à ideia de que a diferenças entre humanos e animais é ontológica, que eles seriam naturalmente distintos. Tal noção, que Phillippe Descola (2005) atribui como estando no cerne da antropologia ocidental, coloca aqueles que não percebem tal diferença como uma diferença de natureza, ontológica, como se estivessem eles mesmos presos, ainda, às explicações mitológicas do mundo.

Atentando para a flexão de gênero na palavra “homem”, implícita na resposta da interlocutora de Despret e Porcher, o presente artigo pretende levar um tanto mais adiante as proposições destas autoras, no que diz respeito ao aporte que algumas epistemologias feministas podem oferecer (e receber) quando articuladas a pesquisas de campo antropológicas atentas às longas transformações mútuas, esses “devires com”, que engendram os fenômenos da co-evolução das espécies companheiras, nos termos de Donna Haraway (2003): em que humanos se tornariam “humanos domesticadores” nos mesmos movimentos ritmados, numa coreografia executada em parceria com aqueles animais, que se tornariam domesticáveis por atualizarem, além de sua intencionalidade, uma capacidade de atribuir intenções aos humanos.

Pretende-se aqui descrever a atitude epistemológica de construção de uma proposta de trabalho antropológico atento às relações humano-animal, que teve como ponto de partida o acompanhamento de partos de vacas, em ambientes de “criação familiar” do sul do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, nos quais a presença ativa e vigilante de mulheres, não só nos permite conhecer como elas percebem suas vacas como atrizes sociais, companheiras, dotadas de intencionalidades, como nos encoraja aprender, com essa vitalidade afectiva dos saberes que constroem juntas, uma forma de transgredir certos disciplinamentos científicos – que não só se fundam no prolongamento da diferenciação entre humanos e animais como prolongamento da diferença entre natureza e cultura (Descola, 2005), como na distribuição de suas legitimidades epistemológicas coloca o saber criado por mulheres à margem (STENGERS, 1991; SCHIEBINGER, 1999; ANZALDÚA, 2000 e 2009; RUDDICK, 2004; HARAWAY, 2003; SEGATO, 2016).

Trata-se, portanto, de ver o que surge de radicalidade no caminho em que vacas parturientes e as mulheres que as acompanham levam uma an-

tropóloga a buscar aporte nas epistemologias feministas para dar conta de alongar as possibilidades da própria disciplina em que atua no campo científico. Ao acompanhar essas mulheres que convivem em proximidade com o coito, a prenhez, o parto e a morte de animais de criação, especificamente as vacas, no universo da pecuária na região da pampa, pretende-se colocar em diálogo as suas noções e teorias com aquelas formuladas no debate acadêmico, em especial com as epistemologias feministas, que permeiam os estudos de pesquisadoras como Donna Haraway (1995; 2008; 2009), Isabelle Stengers (1989; 1991, 2011) e Vinciane Despret (2002; 2004; 2009; 2011; 2012).

As premissas feministas levadas a cabo pelas pesquisadoras supracitadas tomam todos esses elementos (mulheres, vacas, técnicos) como efeitos das relações de conhecimento que estabelecem. Tal prerrogativa desestabiliza as noções de neutralidade e objetividade clássicas do cânone científico ocidental, cujas noções de cientificidade e legitimidade do saber se consolidaram a partir do reconhecimento da atuação majoritária de uma fração muito restrita de pessoas (STENGERS, 1989; 2002). Atentar para o caráter *situado* do ato de conhecer (HARAWAY, 1995) atualiza o fato de este nunca estar desengajado dos corpos políticos daqueles que o praticam.

Entre os anos de 2011 e 2013, atuei como pesquisadora do *Inventário Nacional de Referências Culturais – Lida campeira na Região de Bagé/RS*<sup>2</sup>. Em um campo preliminar ao início do inventário, onde se buscou definir qual seria o universo deste estudo, voltei a ter contato com a rotina de atendimentos veterinários de meu pai, que vive próximo à fronteira com o Uruguai. Desses primeiros diários esparsos, com muitas anotações de cunho memorialístico e poético, surgiu o desejo de realizar uma pesquisa mais sistemática, com temas que haviam ficado à margem dessas observações. Como o universo de mulheres e vacas era muito próximo de minha experiência pessoal, de meus processos de constituição como pessoa, resolvi que abordaria aquilo que havia aprendido ser o seu oposto: as relações entre homens e cavalos.

Em 2014, ingressei no doutorado com um projeto que visava realizar um estudo a respeito de algumas construções de masculinidade a partir da relação entre os gaúchos e seus cavalos. Algumas dificuldades com o trabalho de campo interromperam a realização deste projeto doutoral, cujas principais ideias foram apresentadas alguns anos depois no artigo “Centuros de motocicleta: o cavalo como testemunha do “processo domesticatório” do gaúcho” (KOSBY et al, 2017). Este artigo foi escrito a partir das pesquisas de campo do *INRC-Lida campeira* e de um breve trabalho de campo realiza-

<sup>2</sup> A pesquisa do INRC - Lida campeira na Região de Bagé/RS atendeu a uma demanda da Prefeitura Municipal de Bagé/RS, executada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia. A metodologia, o financiamento e a supervisão foram realizados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O objetivo inicial do INRC era documentar bens imateriais que são referências para os mais diversos grupos que compõem a região do pampa. Após campo preliminar, optou-se por fazer o recorte da pesquisa a partir dos ofícios associados às atividades de criação de bovinos, ovinos, equinos e caprinos dessa região, num conjunto cotidiano de atividades chamado de “lida campeira”.

do via Facebook com um grupo de motociclistas chamado *Ginetes do Asfalto*. Interrompida a disponibilidade destes interlocutores em fazerem entrevistas pessoalmente e aceitarem minha participação no grupo, meu projeto de doutorado teve que ser modificado e passou a tratar das relações entre as cabras da Comunidade Quilombola de Palmas, em Bagé/RS, e alguns terreiros da Região Metropolitana de Porto Alegre – o que culminou com a defesa da tese “Alma-carroço: peregrinações com cabras negras no extremo sul do Brasil”, a qual convergiu minha trajetória de pesquisa com religiões de matriz africana e aquela com relações humano-animal.

O fato de ter iniciado uma abordagem via Facebook já era efeito de uma dificuldade em estabelecer contato com redes de homens no universo da lida campeira. Minha estratégia de ingresso no campo havia sido acompanhar alguns atendimentos veterinários de meu pai, o que facilitaria a formação de uma rede de interlocução, além do deslocamento para localidades de difícil acesso. Expliquei qual era o objeto de meu projeto de doutorado – noções de masculinidade a partir das relações entre gaúchos e cavalos – e deixei a critério dele me avisar quando houvesse alguma situação em que poderia acompanhá-lo. Para meu espanto, em nenhuma das vezes em que fui chamada a acompanhar os atendimentos veterinários deparei-me com cavalos, peões ou domadores. Meu ingresso no campo foi direcionado para o acompanhamento de situações que envolviam mulheres e vacas em proximidade com o espaço doméstico (casa e arredores) das propriedades rurais. Embora não fosse esse o foco de minha pesquisa, acabei aceitando todos os convites, com esperança de encontrar algum gaúcho com quem pudesse conversar. Não tendo sucesso em tais tentativas, minha última alternativa foi buscar contato via redes sociais com o grupo de motociclistas *Ginetes do Asfalto*, constituído a partir da substituição dos cavalos pelas motocicletas, em decorrência da urbanização de seus membros. Os homens com quem conversei disseram estar se desvinculando do grupo após “formarem família” e não souberam me indicar amigos ou companheiros de grupo com quem eu pudesse dar continuidade à pesquisa.

Com relação aos atendimentos veterinários, perguntei a meu pai se ele teria tido algum motivo para me chamar apenas para os atendimentos de vacas acompanhadas por mulheres. Não tendo respostas fora dos limites do “acaso”, modifiquei a pergunta: por que eu não era chamada a acompanhar os atendimentos a rebanhos ou a equinos? A resposta ganhou densidade: “Porque esses ambientes têm muitos homens e esses homens campeiros não estão acostumados a trabalhar com mulher na volta. Atrapalha o serviço.”. Assim, guardei os diários e observações feitas em 2014 para serem revistas mais adiante, depois do doutorado. É esta revisão que apresento agora, cinco anos depois.

Tal “desorganização”, acompanhada de uma segregação dos ambientes de homens e de mulheres, que relato ter ocorrido durante minha tentativa de trabalho de campo, pode ser observada também na tese “*The Gaúchos: male culture and identity in the Pampas*”, de Ondina Fachel Leal

(1989)<sup>3</sup>, onde a autora faz referência às mulheres como instauradoras da “desordem” nos ambientes masculinos.

Em termos de sistematização metodológica, pode-se dizer, portanto, que a pesquisa que dá origem a essas reflexões, foi constituída de trabalho de *observação participante* (INGOLD, 2014) em propriedades rurais onde se pratica a chamada “pecuária familiar”, localizadas na região da fronteira do estado brasileiro do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina – mais especificamente pela região que compreende os municípios de Arroio Grande, Jaguarão e Herval. Foram visitadas cinco famílias da zona rural, que convivem diariamente com os animais de criação. Nessas visitas acompanharam-se três partos de “vacas trancadas”, com risco de morte para a vaca e o filhote, de vacas de raça leiteira, em três propriedades rurais de pequeno a médio porte; e duas cirurgias para desobstrução digestiva de vacas, também em propriedades rurais de mesmo porte. Estas visitas ocorreram em 2014, mas este artigo está sendo escrito em conversa com os diários anteriores, minhas memórias e aprendizados de “ajudante de veterinário” ou “doula de vacas”<sup>4</sup>, que vivenciei durante a infância e boa parte da adolescência.

Todos esses procedimentos, realizados por um veterinário<sup>5</sup>, foram acompanhados pelas mulheres, esposas dos donos dos rebanhos e das terras. Em todos os casos onde houve a intervenção destes homens no sentido de realizar eutanásia para evitar prejuízos financeiros – com pagar cesarianas ou cirurgias mais delicadas, ou manter viva uma vaca estéril – as mulheres foram contundentemente contrárias à morte induzida das fêmeas bovinas. Os argumentos giravam em torno da noção de corpo compartilhada (ter útero, mamas, vaginas, engravidar, abortar, copular) e das violências/sofrimentos que diziam já ter sentido por serem mulheres e, especificamente, por já terem engravidado. O veterinário que acompanhei contou-me, com

<sup>3</sup> Trabalho antropológico de grande relevância sobre o universo dos gaúchos (homens campeiros) e da lida campeira (trabalho com o animais da pecuária pampeana), a etnografia *The Gaúchos: male culture and identity in the Pampas*, de Ondina Fachel Leal, é uma referência imprescindível para os estudos sobre o tema. A tese de Leal apresenta o universo da vida campeira como altamente segregado em termos de relação de gênero, do que decorre uma maior intimidade entre homens e fêmeas de outras espécies do que entre homens e mulheres – as implicações éticas desses dados sobre o ethos zoofílico erotizado dos gaúchos com éguas, porcas, vacas, são um dos fatores que contribuíram para o fato de a tese ainda não ter sido traduzida para o português. Conforme aponta a autora (Leal, 1989; 1992a; 1992b; 1997), a constante afirmação da virilidade, da honra e da valentia, por meio da dominação da natureza (associada aos animais e às mulheres), profundamente experienciada na lida campeira, é atributo fundamental à construção da identidade masculina do gaúcho. Assim, ao mesmo passo em que o convívio contínuo com os animais aponta para sua domesticação e amansamento, há a necessidade de que os homens, para se tornarem homens, dominem os animais; quanto mais xucro for o animal, mais potência é atribuída àquele que o dominar (o animal xucro é aquele que não foi domado; no entanto, se um animal foi domado e mantém características bravis ou pouco dóceis, ele também pode ser chamado de xucro). A ambivalência dessa relação se encontra no fato de que ao domesticarem animais, os humanos estão também inscritos numa condição de domesticação, num processo domesticatório, ou nas palavras de Dígard (1999), num “sistema domesticatório” - sobre a mútua “domesticação” de homens e cavalos na lida campeira, ver também: Lima (2013 e 2015). Embora este artigo busque conhecer os efeitos que surgem da eficaz atribuição mútua de intencionalidades entre mulheres e vacas, não se ignoram aqui as implicações da intencionalidade atribuída aos homens (e machos bovinos) nas transformações pelas quais humanas e bovinas passam juntas.

<sup>4</sup> A primeira publicação que fiz a esse respeito é o livro de poesia *Mugido [ou diários de uma doula]*, de 2017.

<sup>5</sup> Esse veterinário é também meu pai, mas a partir daqui será nominado no texto apenas como “veterinário”, para que seja dada ênfase à sua especificidade técnica.

indignação, de alguns casos extremos de partos com complicações, em que pelo fato de as vacas não conseguirem parir por serem os filhotes muito grandes<sup>6</sup>, houve intervenções com uso de máquinas motorizadas, que causaram sérios danos à parturiente – como, por exemplo, o uso de um trator para tentar arrancar um bezerro de pedigree caro do ventre de sua mãe, à revelia da probabilidade de destruição do corpo desta. Em nenhum destes casos havia mulheres presentes.

A mulher do campo, que convive tão próximo a esses animais de criação - que são aqueles que também comemos ou que nos fornecem alimentos - que os vê morrer, copular, parir, apresentam relações transespecíficas<sup>7</sup> com essas outras fêmeas muito atentas àquilo que às engaja enquanto corpos afetados por intensidades semelhantes. Nesse caso, a questão da reprodução reúne uma série de realizações e desafios descobertos na vida vivida junto.

Isso fica muito evidente quando mulheres defendem um parto menos doloroso para as vacas que criam, argumentando a partir de seus próprios corpos. Vanda<sup>8</sup>, à espera da decisão do marido de fazer cesariana em uma vaca leiteira que estava tentando parir havia mais de um dia, suplica pelo aceite em fazer a cirurgia, mesmo sabendo que o filhote já está morto dentro do útero do animal: “Eu sei o que ela está sentindo, quando o Rogério [seu filho único] nasceu eu também não tive dilatação e quase morri”. Vanda já trazia as mãos esfoladas de tanto tentar puxar o terneiro para fora da vaca. Seu objetivo era tentar salvar os dois, mãe e filho, evitando assim que, com a morte do segundo a primeira fosse sacrificada – já que uma vaca leiteira sem filhote ao pé “não tem muita utilidade”. Mas os esforços podem ser inúteis se, mesmo sobrevivendo, a vaca ficar estéril. Neste caso, o abate do animal seria justificado pelo marido como visando “evitar o prejuízo”. Não se trata aqui de tentar afirmar uma menor sensibilidade dos homens ao sofrimento dos animais em questão, mas de mapear as forças que atuam para aniquilar um corpo de fêmea “que não presta para nada” – os desdobramentos do útero como órgão de inflexão de tais categorias (SBARDELLOTTO, 2018). No caso relatado acima, o marido e o filho de Vanda observaram o procedimento parturial à distância. E, embora deixassem clara sua preferência pelo abate da vaca, a própria Vanda replicava esta escolha afirmando que há algumas semanas atrás eles teriam se disposto a matar uma vaca, mas lhes “faltou coragem”, foi preciso chamar um vizinho para fazê-lo. Observando a cena, um ajudante do veterinário tenta explicar à Vanda por que uma vaca “é só um bicho”, como havia dito Rogério, poucos minutos antes:

<sup>6</sup> Isso ocorre muito em casos de inseminação artificial em que o reprodutor escolhido possui propensão genética a gerar descendentes com uma carcaça óssea muito maior do que a configuração anatômica da gestante.

<sup>7</sup> Segundo Guilherme de Sá: “A transformação interespecífica, ou simplesmente a transespecificidade, se dá quando o resultado deste realinhamento relacional é algo diferente daquilo que previamente reconheceríamos como comportamentos, ações, hábitos, performances coligadas aos corpos e características de cada espécie.” (2013, p. 249)

<sup>8</sup> Os nomes serão fictícios, a pedido das interlocutoras.

“Um animal não é como um parente, um avô, um pai, que quando morre, e a gente bota lá no cemitério, fica lembrando, chorando.”. A resposta de Vanda é taxativa: “Ela sabe quem eu sou”.

O veterinário, por sua vez, esperava o marido de Vanda se afastar, e relatava ao ajudante casos em que o valor de estima do animal era mais importante que o valor econômico e utilitário. Não por acaso, os casos citados envolviam mulheres criadoras de vacas. Em um deles, Magrinha, proprietária de uma vasta extensão de campo, com rebanho de tamanho significativo, costumava dar nome para as vacas e as deixava morrer de velhas, sem vendê-las: “Lá na Magrinha tem uma vaca que eu já operei cinco vezes. Tem câncer. Se fosse outra pessoa, um homem principalmente, já teria vendido a vaca para um frigorífico”.

Depois de termos, finalmente, conseguido tirar o terneiro da vaca de Vanda, sem precisar da cesariana, o veterinário me conta que cobrou apenas o valor do deslocamento até a propriedade da família, pois se tivesse apresentado o orçamento de todo o trabalho, certamente o marido de Vanda não teria aceitado seus serviços, decorrendo disso maior tempo de sofrimento para o animal ou mesmo seu abate. Para esse médico veterinário, os princípios éticos adotados são aqueles que permitem o sacrifício do paciente apenas em última hipótese, quando não houver mais possibilidade de manter o animal vivo, ou quando a sobrevivência está imbuída de constante e intenso sofrimento físico. No entanto, embora se solidarizasse com a angústia de Vanda, também entendia que o marido não tinha muito o que fazer senão zelar pelo lucro (no mínimo, pelo não-prejuízo), já que a vaca estava ali por ser fonte geradora de recursos.

No caso de Jandira e sua vaca Jersey, que já estava com o útero para fora da vagina na ocasião da chegada do veterinário, a pressão era muito semelhante à sofrida por Vanda e sua Holandesa. O marido queria dar um tiro no animal e só chamou o veterinário porque a mulher havia ameaçado passar a noite deitada sobre a vaca, para evitar que o vizinho, novamente ele, se aproximasse enquanto dormiam e fizesse o favor de imolar o animal. Jandira traz um argumento de convivência e parceira como motivador de sua insistência em manter viva uma vaca que estava dando prejuízo ao orçamento da família – além dos custos dos serviços veterinários e medicamentos, havia a grande possibilidade de a vaca secar o úbere e não fornecer mais leite, já que sua esterilidade era quase certa -, ela dizia: “Não vou deixar matarem, as vacas me conhecem, conhecem o meu cheiro. Essa aqui sabe quando sou eu que chego para dar comida”. Jandira desconfiava do veterinário e se recusava a se afastar da vaca até mesmo para buscar água para o animal, com medo de que o médico tivesse sido chamado, na realidade, para sacrificar a paciente.

Há ainda denotações que se aproximam de um saber partilhado com relação às tensões mais ou menos violentas que podem atravessar as negociações referentes à reprodução sexual. Cristina, que estava com sua vaca trancada há mais de 24 horas – e também sob o risco de ser morta para

não dar prejuízo -, praguejava contra os touros e sua sexualidade voraz e bruta, tomando para si a tarefa de evitar que a vaca parturiente copulasse novamente: “se eu conseguir salvá-la, não vou deixar mais os touros chegarem perto dela!”. Um detalhe, que torna a reação de Cristina ainda mais enfática, é o fato de sua vaca não ter tido contato sexual com touros, já que havia sido inseminada artificialmente por um técnico. Neste caso, especificamente, reporto-me ao atendimento a um touro que havia sofrido fratura de pênis. O touro pesava mais de 500 quilos e frequentemente “descadeirava” as vacas que tentava cobrir. Aqui, a única mulher presente era a antropóloga, que assistia veterinário e peão de estância tentando (e conseguindo) imobilizar o animal. Ao conseguirem imobilizá-lo, justificaram o próprio feito dizendo que só o lograram porque “o bicho não sabe a força que tem”.

Esses breves relatos de campo traçam, em linhas rápidas, alguns pontos de partida para o aprendizado e a constante incorporação, por parte da antropologia das relações humano- animal, de algumas premissas caras às autoras feministas. Despret e Porcher (2007) trazem alguns exemplos de atitudes epistemológicas que bem podem reunir em realizações comuns os saberes partilhados pelas mulheres e vacas supracitadas e algumas pesquisadoras. Seriam tais pressupostos: a resistência, defendida por Londa Shiebinger (1999) às formas de diferenciação excludentes, como o disciplinamento de métodos que nutrem expertises opositoras aos modos de pensar e fazer daqueles que buscam excluir; segundo Linda Fedigan, “o desejo de escutar o material”, tendendo a prestar atenção especial às condições empíricas em que se dá o conhecimento, sem sobrecodificar os saberes aprendidos com os outros (idem); a desconfiança quanto aos modelos científicos que primam por generalizações; a ideia de Sarah Ruddick (2004) de que é preciso levar a sério as formas de conhecimento que atentam à implicação dos corpos nos processos de saber.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste ponto em diante, resta um retorno ao início deste artigo e a proposta de que as múltiplas chaves interpretativas apontadas pela anedota “A diferença entre o homem e os animais? Ela não a conhece. Ela não tem homem” avancem pelo território do campo político da produção de conhecimento científico, o qual não é experimentado da mesma forma por todos os corpos viventes e fazedores de saber, a menos que forçado por alguma violência. No livro *La guerra contra las mujeres*, Rita Laura Segato (2016) parafraseando Ondina Pena Pereira, afirma que a política feita por mulheres é antes *tópica* do que *utópica*. A autora defende que a política feita por mulheres acontece no espaço vincular, do contato corporal estreito, menos protocolar que cotidiano, na gestão dos vínculos e das proximidades e não das abstrações burocráticas.

Das rotas e desvios, atalhos, conduções e interrupções no trabalho de campo às desordens, trancamentos, prolapsos, fraturas, rebentos, gritos,

facas, bisturis, tiros, mugidos que povoaram de ruídos e vazamentos este estudo, busca-se menos uma antropologia que dê conta da vida a partir de esquemas teóricos perfeitamente sistematizados (mesmo quando ciente das ambivalências do que é estar vivo) do que um aprendizado sobre estratégias de percepção e rompimento com esquemas de poder que restringem as possibilidades de bem-viver em espaços vasta e profundamente articulados com o eixo colonial patriarcado-racismo-capitalismo. Os relatos aqui apresentados alimentam o corpus etnográfico sobre relações humano-animal, sobre etnografias pampeanas, evidentemente buscam contribuir para o desenvolvimento da disciplina antropológica. E isto fazem também por nos falarem de quem pode/deve morrer, dos corpos que produzem o que importa e daqueles que vertem nada aos interesses hegemônicos.

Quando as interlocutoras deste estudo se colocam em continuidade com o corpo de suas vacas, aprendemos violências, mas, sobretudo, criatividades. Transitamos um espaço de criação onde a fertilidade do que somos capazes de trazer ao mundo não é garantida pela continuidade de natureza, pela semelhança ontológica. Levar a sério a possibilidade de haver vida no salto, no intervalo que perverte de impurezas as linhagens do saber e do conhecimento, cava espaço ao inesperado, ao improvável, à potência de existir fora do que é possível de ser capturado pelas velhas armadilhas patriarcais. A malha necropolítica que desafia essas mulheres dos rincões meridionais do Brasil e suas vacas *machorras*<sup>9</sup> nos convida, às antropólogas, a recoser os estatutos de legitimidade do conhecimento que pode o(s) nosso(s) corpo(s), para além das utilidades reprodutivas produtivistas vigentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, vol 8, n 1, 2000. Tradução Edna de Marco.

ANZALDÚA, G. Como domar uma língua selvagem. In: **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, no 39, p. 297-309, 2009 .

DESPRET, V. **Quand le loup habitera avec l'agneau**. Paris: Le Seuil/ Les Empêcheurs de penser en rond, 284 p., 2002.

DESPRET, V. « Culture and Gender do not Dissolve into how Scientists Read the World » In: HARTMAN, O; FRIEDRICH, M. (org.). **Rebels of Life**. Iconoclastic Biologists in the Twentieth Century. New Haven: Yale University Press, 2009. pp. 340-355.

DESPRET, V. O que as ciências da etologia e da primatologia nos ensinam sobre as práticas científicas? **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23 – n. 1, p. 59-72, Jan./Abr. 2011.

DESPRET, V. « En finir avec l'innocence: dialogue avec Isabelle Stengers et Donna Haraway » In .: DORLIN, E.; RODRIGUEZ, E. (dir), **Penser avec Donna**

<sup>9</sup> Na Argentina, uma “vaca machorra” é aquela que nunca teve intercurso sexual com um touro. No Rio Grande do Sul, a denominação “vaca machorra” abarca ainda aquela fêmea que é ou ficou estéril. Neste estado do sul do Brasil, a palavra “machorra” é também um adjetivo pejorativo referido a mulheres homossexuais e/ou dissidentes do padrão normativo heterossexual.

- Haraway**, Paris, PUF, Actuel Marx confrontation, 2012.
- DESPRET, Vinciane. **Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions?** Paris: La Découverte, 2014.
- DESPRET, V.; PORCHER, J. Être bête. Arles: Actes Sud, 2007.
- DESPRET, V.; STENGERS, I. **Les faiseuses d'histoires. Que font les femmes à la pensée?** Paris: Les empêcheurs de penser en rond/La Découverte, 2011. 210 p.
- DIGARD, J.-P. **Les français et leurs animaux**: ethnologie d'un phénomène de société. Paris: Fayard, 1999.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, (5), 1995.
- HARAWAY, D. **O Manifesto das Espécies de Companhia**: Cães, Pessoas e a Outridade Significante. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- HARAWAY, D. **When Species Meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D. et al. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- INGOLD, T. That's Enough About Ethnography! In: **Hau: Journal of Ethnographic Theory**. 4 (1), 2014, 383-395.
- KOSBY, M. F.; LIMA, D. V. e RIETH, F. M. S. Centauros de motocicleta: o cavalo como testemunha do "processo domesticatório" do gaúcho. **Horizontes Antropológicos** [online]. 2017, vol.23, n.48, pp.197-223.
- LEAL, O. F. **The Gaúchos**: male culture and identity in the Pampas. Tese (Doutorado em Antropologia) – University of California, Berkeley, 1989.
- LEAL, O. F. O mito da Salamandra do Jarau: a constituição do sujeito masculino na cultura gaúcha. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 14, n. 1, p. 8-11, jan./abr. 1992a.
- LEAL, O. F. Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha. **Cadernos de Antropologia**, Porto Alegre, n. 6, p. 7-21, 1992b.
- LEAL, O. F. Do etnografado ao etnografável: "o Sul" como área cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 3, n. 7, p. 201-214, nov. 1997.
- LIMA, D. V. **O campeiro e o cavalo na doma**: um estudo etnográfico sobre a relação entre humanos e animais no pampa Sul-Rio-Grandense. 2013. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais)-Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.
- LIMA, D. V. **"Cada doma é um livro"**: a relação entre humanos e cavalos no pampa-sul-rio-grandense. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.
- RUDDICK, Sarah. Maternal Thinking as Feminist Standpoint. In: **The Feminist Standpoint Theory Reader**. New York: Ed.Sandra Harding, Routledge, 2004.
- SÁ, G. J. Afinal, você é um homem ou um rato? In: **Campos: Revista de Antropologia Social**, Curitiba, v. 14, n. 12. 2013.
- SBARDELOTTO, D. Corpo De mulher que dobra. MILLCAYAC - **Revista Digital de Ciências Sociais** / Vol. V / N° 8 / 2018. ISSN: 2362-616x. (pp. 143-156) Centro de Publicaciones. FCPyS. UNCuyo. Mendoza.

SEGATO, R. L. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

SCHIEBINGER, L. **Has Feminism changed Science?** Cambridge, Mass., Harvard, 1999.

STENGERS, I. A Ciência no Feminino. **Revista 34 Letras**, (5/6), 1989. 427-431.

STENGERS, Isabelle. Une science au féminin? In: STENGERS, Isabelle; SCHLANGER, Judith. **Les Concepts scientifiques**. Paris: Gallimard, 1991.

STENGERS, I. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002.

STENGERS, Isabelle. **Another Science is Possible: A Manifesto for Slow Science**. Medford: Polity Press, 2018

## AUTORA

**Marília Floôr Kosby**

Université de Liège, Bélgica

E-mail: [floorkosby@gmail.com](mailto:floorkosby@gmail.com)